

Ética, tecnologia e desafios contemporâneos: reflexões sobre inteligência artificial, globalização e desinformação¹

Ana Tázia Patricio de Melo Cardoso²

Francisco Jadson Silva Maia³

Eloisa Joseane da Cunha Klein⁴

Luciane Borges Mancilha⁵

Introdução

A proposta deste painel reúne três textos que convergem para um debate sobre as implicações éticas, políticas e sociais da tecnologia no contexto contemporâneo, com foco na inteligência artificial (IA), na globalização e nas plataformas digitais. O primeiro texto aborda a responsabilidade no uso da IA. Explora-se a necessidade de uma ética robusta para a construção da IA, capaz de mitigar seus riscos, como a ampliação das desigualdades sociais e o controle corporativo, elementos identificados por Achille Mbembe. O segundo texto insere-se na discussão da tecnociência e globalização, destacando os desafios éticos impostos pela fusão de ciência e tecnologia e a necessidade urgente de regulamentação da IA, como proposto por Coeckelbergh. Ele questiona, à luz das contribuições de Morin e Bauman, como a IA se insere nas dinâmicas de poder e mobilidade geradas pela globalização e o papel da tecnociência na formação de um futuro sustentável e justo. O terceiro texto foca na construção de sentido das informações no TikTok, com especial atenção à desinformação e às narrativas digitais, utilizando uma abordagem etnometodológica para entender como os usuários, processam informações e como as plataformas digitais podem moldar crenças e opiniões, perpetuando manipulações e divisões sociais.

Juntas, essas discussões buscam problematizar a relação entre ética, política e tecnologia, oferecendo uma reflexão crítica sobre a sustentabilidade do desenvolvimento tecnológico e as possíveis formas de mitigação dos riscos da IA, da desinformação e das desigualdades geradas pela globalização. O painel se propõe a apresentar e discutir metodologias, teorias e abordagens interdisciplinares, com o objetivo de propor soluções para uma convivência mais equilibrada e ética com as tecnologias emergentes na sociedade contemporânea.

Responsabilidade, inimidade e o uso da tecnologia: reflexões sobre ética e política na contemporaneidade

Observamos o esforço descontrolado do poder do capital buscando cada vez mais lucro e abrir mercados em detrimento do processo cruel e voraz de destruição das espécies e seres, de forma irreversível. Tudo isso vem crescendo a partir do instante em que os mercados bolsistas

¹ Trabalho apresentado como proposição de mesa coordenada Plataformas de comunicação e de IA, no XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 04 a 06 de dezembro de 2024.

² Doutora em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. anataziaprof@gmail.com.

³ Doutor em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. jadson_maia@hotmail.com.

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora do curso de Jornalismo da Unipampa. eloisaklein@unipampa.edu.br

⁵ Graduanda em Jornalismo pela Unipampa. lucianemancilha.aluno@unipampa.edu.br

decidiram apoiar-se na inteligência artificial para potencializar movimentos de liquidez (Mbembe, 2017).

Sem dúvidas, devemos focar nos riscos, caso contrário, não teríamos como criar formas de crescimento ou desenvolvimento subjetivo a partir das IAs. Se não nos preocuparmos com o potencial (positivo ou negativo) de nossas ferramentas, poderemos nos tornar instrumentos para barbaridades e retrocessos civilizatórios.

Portanto, é possível um embate tecnopolítico com o colonialismo de dados? Isso já está em andamento? Basta olhar para a história e ver que o conhecimento científico pode ser usado para guerras, por exemplo, ou dizimar etnias. Uma base ética sólida para o desenvolvimento da IA pode ser pensada a partir do princípio responsabilidade de Hans Jonas (2006), afinal, se a tecnociência exige uma transformação no modo de agir, que atenda a necessidade de se responsabilizar com a sustentabilidade do planeta; exige também, uma transformação filosófica, que atenda a necessidade de se responsabilizar com a mundialização do conhecimento, pois, não podemos desprezar as possibilidades civilizatórias da colaboração entre humanos e as IAs.

Tecnociência, globalização e inteligência artificial: desafios no debate contemporâneo

A interseção entre ciência e tecnologia, conhecida como tecnociência, reflete a crescente fusão desses dois campos e os impactos sociais, políticos e históricos que envolvem as inovações tecnológicas. No contexto atual, a tecnociência não se limita a questionamentos sobre a sustentabilidade, preservação ambiental e justiça social, mas também coloca desafios éticos relacionados à regulação do desenvolvimento técnico-científico. A globalização, conforme discutido por Morin (2004) e Bauman (1999), oferece uma perspectiva crucial para entendermos os efeitos dessas transformações no mundo contemporâneo.

Edgar Morin (2004) analisa a globalização sob duas lentes: a "planetarização", que surgiu com as grandes expedições marítimas do século XV, e a "mundialização", que reflete a consolidação do capitalismo como sistema global dominante após o fim da Guerra Fria. Já Bauman (1999), em sua obra *Globalização: Consequências Humanas*, aborda a mobilidade desigual gerada pela globalização. Para ele, a mobilidade pelo planeta tornou-se um privilégio das elites transnacionais, enquanto grande parte da população enfrenta barreiras econômicas e sociais. Essa estratificação social resultou em um "divórcio entre política e poder", onde o Estado perde sua capacidade de ação frente ao poder do capital globalizado.

Nesse cenário de globalização e tecnociência, a inteligência artificial (IA) emerge como uma das principais preocupações contemporâneas. Coeckelbergh (2019) discute as implicações sociais, éticas e políticas da IA, destacando o potencial de superinteligência que poderia ultrapassar a capacidade humana.

Apesar dessas projeções alarmantes, Coeckelbergh (2019) argumenta que a IA forte, capaz de realizar qualquer tarefa cognitiva humana, está longe de ser alcançada. Atualmente, predomina a "IA fraca", restrita a atividades específicas como jogos e reconhecimento de padrões.

Coeckelbergh (2019) sugere diretrizes para a regulamentação da IA, incluindo a garantia dos direitos humanos, a celeridade na implementação de medidas legais e a responsabilidade clara dos atores envolvidos no desenvolvimento tecnológico. Essas abordagens regulatórias são fundamentais para que a tecnociência, embora inevitável, seja direcionada de maneira ética e socialmente responsável.

Portanto, a interação entre tecnociência, globalização e IA propõe um debate sobre os caminhos que a sociedade tomará frente a esses desafios. A regulamentação eficaz e a reflexão ética sobre as novas tecnologias são fundamentais para garantir que os benefícios da tecnociência não sejam ofuscados pelos riscos de uma desigualdade exacerbada e pela ameaça de uma perda de controle humano sobre o próprio destino.

A construção de sentido sobre informações no TikTok: desinformação, crenças e narrativas digitais

A construção de sentido sobre as informações em circulação no TikTok, especialmente em relação à desinformação, é um tema relevante no contexto atual das mídias sociais. O conceito de desinformação envolve a propagação de informações falsas ou enganosas, frequentemente com a intenção de manipular a opinião pública ou influenciar decisões. De acordo com Wardle e Derakhshan (2017), a desinformação se tornou um grande desafio na era digital, exacerbado pela velocidade de compartilhamento e pelo algoritmo de recomendação das plataformas como o TikTok, que amplificam o alcance de conteúdos não verificados. A pesquisa etnometodológica, como a realizada por Garfinkel (1967), é essencial para compreender como os indivíduos interpretam e constroem sentidos sobre as informações em seu contexto social, permitindo analisar como eles reagem à desinformação e aos conteúdos jornalísticos.

A pesquisa proposta investiga a construção de sentido das informações no TikTok, com um foco específico nos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual de Ensino Médio Tricentenário, em São Borja/RS. O estudo utiliza métodos etnometodológicos, como grupos focais, debates e análises de vídeos, para compreender como esses jovens lidam com a desinformação e a informação verificada nas mídias sociais. O termo "fake news" tem sido amplamente discutido e, como observa Madeleine de Cock Buning (em Valente, 2019), a palavra "desinformação" é mais adequada para descrever esse fenômeno, dado seu uso ideológico no debate público.

Shu et al. (2020) diferenciam "misinformation" (informação errada) de "disinformation" (desinformação), apontando que, enquanto a primeira ocorre por erro ou mal-entendido, a segunda é deliberada e tem como objetivo enganar. Esse entendimento é crucial, especialmente nas redes sociais, onde os algoritmos reforçam crenças preexistentes, dificultando a diferenciação entre informações de qualidade e conteúdo enganoso.

Ao examinar esses aspectos, este estudo contribui para uma compreensão mais profunda de como as informações são interpretadas e negociadas pelos usuários do TikTok, oferecendo insights sobre os desafios da desinformação nas plataformas digitais e sugerindo medidas para mitigar seus impactos. A análise etnometodológica proporciona uma abordagem única para explorar as práticas cotidianas de construção de sentido, especialmente em um contexto de mídias digitais rápidas e interativas.

Palavras-chave: Responsabilidade ética, tecnologia e poder, inteligência artificial, globalização e desigualdade, desinformação digital.

Referências

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M.; YU, C. The impact of misinformation on political participation. *American Economic Review*, v. 108, n. 3, p. 761-796, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

COECKELBERGH, Mark. *Artificial Intelligence: Social, Ethical, and Political Issues*. Cham: Springer, 2019.

GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1967.

JONAS, Hans. *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: PUC, 2006.

MBEMBE, Achille. *Políticas da Inimizade*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MORIN, Edgar. *Uma política de civilização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. 1818. Disponível em: <https://www>.

SHU, K.; WANG, S.; LEE, D.; LIU, H. Disinformation and misinformation: Typology and countermeasures. *ACM Computing Surveys*, v. 53, n. 3, p. 1-40, 2020.

TANDOC, E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “fake news”: A typology of scholarly definitions. *Digital Journalism*, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018.